

**A LEITURA LITERÁRIA  
DO GÊNERO CRÔNICA HUMORÍSTICA  
COMO PROPOSTA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Danielle Ferreira Martins Bastos* (UERJ)

[danibastosjf@hotmail.com](mailto:danibastosjf@hotmail.com)

**RESUMO**

O acesso ao conhecimento e aos demais bens culturais em uma sociedade democrática passa pela questão da formação educacional do cidadão por meio da leitura. Essa leitura deve avançar em diferentes níveis ao longo do processo escolar, em um contínuo de aprendizagem denominado letramento, o qual parte de inúmeros gêneros textuais que circulam na sociedade para integrar o aluno à leitura crítica do mundo que o cerca. Busca-se, então, o ensino de língua materna como vivência através de textos. Pretende-se demonstrar neste trabalho que o gênero textual crônica humorística contribui consideravelmente para o letramento literário do aluno da educação básica, sendo relevante no processo de desenvolver sua capacidade leitora – já que promove a leitura literária como uma interação entre leitor e autor, intermediada pelo texto – e também por trazer temas cotidianos para a discussão em sala de aula, fazendo com que o aluno não só usufrua do prazer da leitura como também partilhe sentimentos e conhecimentos a partir dela, muitas vezes se reconhecendo no texto e construindo-se enquanto leitor.

**Palavras-chave:**

Ensino. Língua portuguesa. Leitura. Letramento literário. Crônicas humorísticas.

**1. Primeiras palavras**

O presente trabalho visa a contribuir com a prática escolar no ensino de língua portuguesa, no que tange especificamente à leitura, promovendo a evolução do aluno no processo de letramento. Para isso, buscou-se recursos para uma efetiva aprendizagem através do humor. Pretende-se, portanto, demonstrar que o gênero textual *crônica humorística* é relevante no processo de desenvolvimento da capacidade leitora do aluno.

Em um primeiro momento, discute-se letramento e o uso do texto literário nas aulas de língua portuguesa. Entende-se por letramento o processo contínuo de evolução na leitura e na escrita, partindo da alfabetização e buscando chegar a um patamar de leitor autônomo capaz de entender e interpretar o lido, depreendendo recursos linguísticos mais complexos e tornando-se leitor proficiente.

A partir desse conceito, tentamos demonstrar, a importância do texto literário em sala de aula, essencial no processo de evolução na leitura proficiente, já que “o texto literário constitui o espaço capaz de refletir todas as possibilidades de manipulação da língua na produção de sentido”. (CAMARA, 2012, p. 222)

É certo que todo discurso ou comunicação interacional perpassa a língua. A escola, ao priorizar, entre outras formas de interação possíveis, o ensino da língua padrão, tem, basicamente, como material de ensino o texto literário. Este, por sua parte, está inserido em algum gênero do discurso, donde advém a importância do trabalho com diferentes gêneros textuais pertencentes a esse domínio discursivo, entre os quais se situa a crônica.

Assim, dedica-se um segundo momento à conceituação desse gênero, delimitando o estudo àquelas crônicas que contêm humor e buscase fazer delas caminho para o ensino de língua portuguesa. Em *A Vida ao Réis do Chão*, Antonio Candido (2007) nos confirma a importância da aprendizagem através do humor:

Os professores tendem muitas vezes a inculcar nos alunos a ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a beleza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CANDIDO, 2007, p. 96)

Em um terceiro e último momento, partindo-se da descrição dos mecanismos linguísticos colocados como causa (fenômenos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos...), busca-se as possíveis mesclas desencadeadoras do riso, sendo, portanto, o nosso foco o *como* isso se processa e pode constituir-se um fator determinante no processo de ensino-aprendizagem do estudante, na sua oralidade, escrita e leitura, atingindo o estudo de texto no nível de letramento esperado para alunos de ensino médio. Desse modo, trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito de forma divertida e prazerosa, com humor. Tem-se, enfim, um estudo acerca do humor e sua relação com a língua literária. Estão os dois temas presentes nas crônicas, cuja linguagem permite o acesso a construções linguísticas inusitadas e criativas na variedade formal da língua.

## 2. A leitura literária e o ensino

A importância de se trabalhar em sala de aula com textos literários integrados ao ensino da língua é uma preocupação dos documentos educacionais oficiais, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, em suas diferentes versões. Uma das orientações trazidas para o ensino médio pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (BRASIL, 2000) diz respeito ao texto literário, considerando sua natureza histórica e as condições de produção e recepção dos gêneros pertencentes a esse domínio discursivo. Destaca-se a necessidade de aprofundar os estudos no universo literário, mostrando os recursos expressivos de que os autores lançam mão, bem como as razões dessas escolhas, promovendo no aluno um saber crítico e socialmente construído: “O estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se aí o texto literário”. (BRASIL, 2000, p. 8)

Em diferentes momentos ao longo dos *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2007), é abordada a necessidade de se trabalhar com a leitura literária, de aproveitamento satisfatório e prazeroso, dado o destaque de o professor explorar diferentes linguagens de valor estético e artístico, revestidas de alta carga expressiva, representando simbolicamente experiências humanas compostas no imaginário coletivo:

Compreender que a *fruição* efetiva do patrimônio cultural só é possível quando se conhecem e se contextualizam as linguagens nas quais se concretizam as obras constituintes desse patrimônio é despertar no aluno a necessidade de exigir da escola os meios para se chegar a essa compreensão. (BRASIL, 2007, p. 52)

Defende-se igualmente nesses documentos a noção de estudo da língua materna baseada na teoria dos gêneros textuais, sendo estes, ferramentas de ensino de grande valia para a construção do indivíduo letrado, ampliando o contato com diferentes linguagens, bem como a apropriação da língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Os gêneros apresentam formas padronizadas estáveis e adaptáveis aos usos comunicativos. Com a apropriação de diversos gêneros, haveria, simultaneamente, uma apropriação das formas de comunicação.

O estudo dos gêneros depende do uso de textos diversos na escola, promovendo o letramento do aluno, em seus diferentes níveis, evoluindo através do trabalho do professor com *textos*, partindo daqueles que aproximam o aluno/leitor da sua variedade linguística e passando, aos

poucos, para os textos que se apresentam na variedade culta da língua. Esse processo é longo, necessariamente feito na escola, não apenas nas aulas de língua portuguesa, e de futuro interminável.

O texto em sala de aula serve, desse modo, de material para o aluno confrontar seu mundo interior com a realidade ali representada; é um processo cognitivo que vai além da decodificação das palavras no papel, pois, a partir da manifestação verbal, emergem atuações socioculturais e interacionais formadoras de sentido, que pode não ser único.

O caminho que o aluno deverá percorrer na leitura de um texto passa pelo reconhecimento do ponto de vista autoral, assumido a partir de determinado contexto histórico, sendo transmissor de valores socioculturais. A interpretação desses valores e do ponto de vista abordados na leitura leva o aluno/leitor à reflexão e comparação no tocante aos seus valores pessoais, possibilitando uma tomada de posição, ou seja, levam-no a uma atitude responsiva, nos termos de Bakhtin (1997).

O conceito progressivo do ato de ler, pode ser visto em Cademartori (2012) na obra *O Professor e a Literatura*, em que responde à questão que sempre se coloca sobre o assunto – por que lemos? A autora nos diz que há estágios de leitura: inicialmente lemos como refúgio mental para nos evadirmos da sociedade opressora, sendo este primeiro contato com a literatura um escapismo; em um segundo estágio, passamos a alargar nossos horizontes, a leitura literária permite-nos uma liberdade de pensamento, conseguimos perceber enquanto leitores a multiplicidade de vozes no texto – a voz do autor e a nossa voz interior; o terceiro estágio ocorre quando passamos a nos conhecer através da leitura. Toda essa construção de leitor, ressalta a autora, não se dá de uma vez só, nem de modo mecânico, já que a leitura impulsiona novas leituras. Além disso, para ela, o leitor tem uma voz pessoal, de subjetividade, e os vazios da obra são preenchidos com seu próprio mundo interior, por conseguinte, esse mundo vai aos poucos se ampliando com novas leituras concomitantemente o leitor vai se reconstruindo enquanto tal.

Fica claro, assim, que a leitura literária é um processo de interação contínuo e de formação leitora nos moldes do letramento, em que o texto transforma o leitor e o leitor transforma o mundo a sua volta. E, como já dissemos, o letramento literário deve ocorrer na escola, pois “para a maioria, o único lugar onde o encontro com o livro pode acontecer é a escola, com a intermediação do professor”. (CADEMARTORI, 2012, p. 90)

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A apropriação da escrita e das práticas sociais libertadoras que dela decorrem, principalmente pela leitura literária, leva o aluno/leitor a perceber que a produção de sentido de uma língua só é capaz de ocorrer, com todas as possibilidades, dentro dos textos literários.

Segundo Coseriu (2002), “a linguagem funciona pelo e para os falantes, não pelo e para os linguistas”. Aparentemente uma afirmação óbvia, mas o contrário é o que vemos na prática atual dos estudos sobre a linguagem nas escolas. Algo que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* já demonstraram como preocupação, alertando para o fato de que se prioriza os estudos gramaticais, enquanto o texto serve apenas para exemplificar a norma. Desenvolve-se aqui, em consonância com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a ideia de que o contrário deva ser realizado nas aulas de língua portuguesa: o estudo de variados textos é que deve servir ao letramento literário e a gramática contida neles vai sendo abordada e explicada dentro da função cognitiva que se estabelece para a interpretação e compreensão do verbal.

Avançando no tema, Coseriu (2002) acrescenta às noções de que se deva estudar a língua em relação à literatura e de que é nesta última que a linguagem está em plena funcionalidade outras possibilidades que a língua literária oferece no desenvolvimento do aluno/leitor, tais como : perceber a relação material do signo com a coisa designada; relacionar o lido com a experiência pessoal e inter-relacionar o lido com outros textos – todos esses fatores estimulando a consciência da língua e a criatividade linguística.

Para Azeredo (2012), o ensino a partir das teorias dos gêneros é essencial por ser a face concreta de um texto e predispõe o ouvinte ou o leitor para o processamento adequado das informações ali comunicadas. A variedade de processos de comunicação verbal, cuja renovação contínua responde à necessidade da dinâmica interna das situações sociais e culturais, está intimamente ligada à alteração, renovação e criação de gêneros. De acordo com o autor, nossas atividades discursivas são como um ritual: “igualamo-nos nas necessidades comuns pelo uso das mesmas frases e pela construção de textos que realizam tarefas comunicativas ‘comuns’”. (AZEREDO, 2012, p. 85) O discurso do autor visa a defender o trabalho com gêneros na escola:

A escolha do vocabulário adequado, o domínio dos mecanismos gramaticais da língua e o emprego dos sinais de pontuação pertinentes constituem habilidades que só se adquirem pela observação, análise e prática de gêneros tex-

tuais integrados nos eventos interacionais respectivos. (AZEREDO, 2012, p. 85)

A sequência textual narrativa é usada frequentemente no trabalho com textos em todos os níveis de ensino por contemplar uma variedade imensa de gêneros, sendo a grande maioria deles detentora da linguagem literária, cujo estudo e aplicação defendemos anteriormente. A crônica pertence a esse tipo textual narrativo, apresentando suas características estruturais básicas como a presença do narrador e do personagem, o enredo se desenrolando em uma sequência temporal e em um espaço definido, com princípio, meio e fim. Na condição de gênero, ela segue determinadas leis do discurso que a particularizam, como a linguagem coloquial e subjetiva, a aproximação com o leitor, o tema do cotidiano, a aparente facilidade de tratar de um fato menor e fazê-lo grandioso, muitas vezes trazendo reflexões profundas ao leitor, concernentes à sua finalidade social. A leitura da crônica pode servir de estratégia metodológica para o amadurecimento e aprimoramento do aluno/leitor, preparando-o para textos literários mais complexos.

### **3. O gênero crônica e o ensino com humor**

A crônica contribui consideravelmente para o letramento literário do aluno da Educação Básica, já que promove a leitura literária como uma interação entre leitor e autor, intermediada pelo texto. Partindo do cotidiano, da linguagem coloquial, com um olhar diferenciado para as coisas que passam despercebidas para o ser humano comum, acostumado a observar os fatos considerados “importantes”, este gênero proporciona ao aluno/leitor um crescimento enquanto tal, por meio da ampliação de seus horizontes.

Segundo Cosson (2009), “o letramento literário trabalha sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”. (COSSON, 2009, p. 34). A crônica realiza a interlocução com a atualidade na medida em que parte sempre de um fato corriqueiro muitas vezes noticiado no mesmo jornal em que ela é publicada. Acrescentando a isso o humor como outro dado a gerar o interesse do aluno e a promover a empatia com o texto. Tratando-se desse gênero discursivo considerado muitas vezes como um gênero “menor”, busca-se elucidar suas características estruturais e interligá-las às considerações sobre o humor e o riso.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Apresenta-se a conceituação da crônica em suas particularidades funcionais e linguísticas, partindo de três metatextos de referência, nos quais o essencial ao gênero é explicitado de maneira literária por diferentes cronistas, por meio de uma linguagem simples e envolvente.

O primeiro desses textos tem como título "Sobre a crônica", meta-crônica publicada na revista *Veja* São Paulo, em abril de 2007, escrito por Ivan Ângelo. Já no título, o autor deixa claro ao leitor o assunto de seu texto, relatando o problema de classificação do gênero. Trata-se de "reportagens", "artigos", "contos", "comentários" ou "críticas"? Recorre a Fernando Sabino, outro cronista, para responder: "crônica é tudo que o autor chama de crônica", ao mesmo tempo em que inclui outra questão, a qual é imediatamente esclarecida: "Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer.." Nota-se, portanto, dois diferenciados questionamentos: como classificar a crônica em relação tanto ao gênero quanto ao domínio discursivo: se literário ou jornalístico.

A mesma incerteza na classificação da crônica aparece no texto *Vida ao Rés-do-Chão*, de Antonio Candido, muito embora o autor já deixe mais claro tratar-se de literatura e não de jornalismo, trazendo, inclusive, a posição preconceituosa de alguns autores que a denominam como um gênero literário menor. Cabe aqui destacar uma passagem em que o autor lança uma luz sobre a dúvida em questão, apresentando um panorama histórico autoexplicativo a respeito da definição do gênero:

Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias.

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixadas a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.

No século passado, em José de Alencar, Francisco Otaviano e mesmo Machado Assis, ainda se notava mais o corte de artigo leve. Em França Júnior já é nítida uma redução de escala nos temas, ligada ao incremento do humor e certo toque de gratuidade. Olavo Bilac, mestre da crônica leve e aliviada de peso, guarda um pouco do comentário antigo, mas amplia a dose poética, enquanto João do Rio se inclina para o humor e o sarcasmo, que contrabalançam um pouco a tara de esnobismo. Eles e muitos outros, maiores e menores, de Carmen Dolores a João Luso até nossos dias, contribuíram para fazer do gênero este produto *sui generis* do jornalismo literário brasileiro que ele é hoje. (CANDIDO, 2007, p. 93)

Talvez por ser a crônica publicada inicialmente em jornais impressos, e hoje também estar presente em coletâneas e na mídia digital, a dúvida sobre o domínio discursivo ao qual pertence ainda se mostra pertinente. Pensa-se que, por estar inserida nesse veículo diário de informação entre editoriais e notícias, faça parte de um desses gêneros. Características similares às do texto jornalístico, como, por exemplo, a efemeridade, além dos temas cotidianos, pode reforçar essa questão. Ao mesmo tempo, esse gênero, que aqui se tenta definir, possui traços de poesia em sua linguagem, muitas vezes revela uma crítica sutil através do humor, lança olhares emotivos e inesperados sobre situações comuns e rotineiras, brinca com a linguagem conotativa e diverte o leitor, transportando-o para um momento diverso daquele das notícias com o qual divide espaço nas páginas do jornal, marcas características do texto literário.

Segundo Sá (1985), o tamanho curto, pré-definido, em função da economia de espaço, gera sua riqueza estrutural. Sua linguagem literária é específica para dirigir-se a um público determinado, entre os leitores de jornal. A descrição jornalística de um fato está presente na concepção narrativa da crônica e os recursos utilizados pelo cronista lhe atribuem valor literário em que o real não é meramente copiado, mas recriado.

A insegurança na definição do que seja a crônica é explicada, portanto, pelo fato de ela haver evoluído ao longo do tempo, passando por diferentes gêneros próprios do jornalismo até chegar à fórmula literária com a qual o leitor se delicia atualmente. Esse gênero híbrido que já foi folhetim, artigo com temas políticos e/ou temas cotidianos, comentário crítico com um toque de humor, literatura, hoje é crônica.

Mas, definido o gênero do objeto do presente estudo, o que efetivamente ele abarca? Quais suas peculiaridades?

Desde meados do século XIX, a crônica vem sendo publicada na imprensa brasileira e tomou formas próprias, adaptando-se ao estilo dos nossos cronistas e às feições do público leitor com sua pertinência literária e linguagem afável, pessoal e íntima. Retomando Ângelo (2007), quando este cita Alexandre Eulálio, sabe-se da origem estrangeira da crônica, comum na imprensa inglesa: "É nosso *familiar essay*, possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época". (ÂNGELO, 2007, p. 1).

O princípio básico desse gênero textual, para Sá (1985), é registrar o circunstancial. Segundo ele, tudo teve início no Brasil com a Carta

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel, na qual fatos efêmeros ganharam concretude a partir da observação direta da paisagem local, dos costumes primitivos indígenas e do confronto de culturas. Já estaria ali presente a essência temática da crônica – partir de um fato corriqueiro, cotidiano, e, através da observação, seguir por um olhar particular, singular, especial, mesmo inusitado, que desperta as emoções do leitor e o surpreende com a leveza da linguagem, contrastando com a importância e profundidade do que se diz:

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também. (SÁ, 1985, p. 11)

Portanto, fica esclarecido que, apesar das semelhanças com o gênero jornalístico e sua publicação nessa mídia, o *corpus* de textos de humor aqui selecionado enquadra a crônica no domínio literário, pela linguagem e pelas particularidades que apresenta em sua estrutura.

É comum nesse gênero literário o narrador se apresentar como um repórter que relata um fato a um público determinado. Dessa forma, o texto se apresenta quase autobiográfico, podendo o leitor confundir autor e narrador. Essa particularidade narrativa permite uma linguagem subjetiva, pessoal, íntima, despreocupada, fugindo aos padrões jornalísticos da notícia e se aproximando da linguagem literária. Observamos tal característica nos três metatextos anteriormente citados. Retomando Ângelo, essa subjetividade cria com o leitor uma sensibilidade irmã, na qual ambos se reconhecem e dialogam:

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é leitor? vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? (ÂNGELO, 2007)

Por sua vez, de acordo com Candido (2007), a linguagem subjetiva e sem cerimônia utilizada na crônica humaniza o texto, aproximando narrador e leitor por ser uma linguagem natural, que fala à nossa sensibilidade:

Parece às vezes que escrever crônica obriga a uma certa comunhão, produz um ar de família que aproxima os autores num nível acima da sua singularidade e das suas diferenças. É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua-geral lírica, irônica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por

um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo. (CANDIDO, 2007, p. 99)

Por fim, o texto de Vinícius de Moraes – “O exercício da crônica” – confirma as ideias acima expostas, ao descrever com muito humor e ironia o desespero do cronista, “prosador do cotidiano”, em busca de um tema sobre o qual possa “injetar sangue novo”. Divide com o leitor toda a angústia de escrever sua “prosa fiada” com tempo determinado para publicar de modo a cumprir o “dever cotidiano da crônica” e “infundir alegria aos seus leitores”. Descreve vários tipos de “marginais da imprensa”, que, cada qual à sua maneira e ao seu estilo, vão desafiando a realidade diante dos olhos ávidos do leitor, para o deleite deste último: “Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come”. (MORAES, 1976, p. 7)

A linguagem da crônica se equilibra entre o coloquial e o literário, em um misto de sintaxe solta ou desestruturada, que a aproxima de uma conversa fiada entre amigos, e de sutileza em retratar, através de rápidos acontecimentos, a natureza humana, provocando no leitor bem mais que a apreciação pura do texto ou uma identificação subjetiva com ele, mas provoca sim uma reflexão profundamente crítica das mazelas humanas e sociais.

As crônicas que contêm humor, provocadoras do riso, podem passar a falsa ideia de servirem unicamente para distração, diversão, relaxamento. Porém, no seu traço constitutivo de persuasão, esse gênero faz com que se reflita sobre a crítica implícita no humor ali contido. O trabalho com textos humorísticos, portanto, promove um aprendizado inspirador e atrativo, fazendo amadurecer o aluno/leitor para interpretar a si mesmo e o mundo que o cerca. O humor pode ser entendido como um desvio cômodo para a autorreflexão.

Aprofundando as pesquisas em torno da crônica, notadamente as que possuem humor, podemos elencar as principais características desse gênero, tratadas com especificidade em Sá (2001), assim resumidas, pois já foram explicitadas anteriormente: (a) narrativa curta, cheia de lirismo reflexivo e de linguagem poética; (b) publicada geralmente em jornal ou revista, assumindo o caráter efêmero destes veículos de informação, mas podendo ser encontrada (re)publicada em coletâneas; (c) narrador-repórter, em primeira pessoa, o que provoca um texto quase biográfico, subjetivo; (d) temas do cotidiano, um registro do circunstancial, partindo, muitas vezes, de notícias de jornal (verossimilhança); (e) diálogo com o lei-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tor, o que permite o uso de uma variação informal da linguagem; (f) intenção de divertir, levar à fruição do texto, à catarse e à empatia; (g) presença do humor como forma de denúncia das mazelas sociais.

Com base nos aspectos teóricos anteriormente expostos, defendemos a ideia de que a crônica é um gênero textual híbrido, já que possui uma estrutura narrativa formal e ao mesmo tempo marcadamente argumentativa, à semelhança de Bastos (2014). Atentemo-nos para a noção de que os “traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa” (CANDIDO, 2007, p. 96), o que nos remete à argumentação, uma vez que persuadir é justamente envolver o outro. Nas palavras de Abreu, (1999), “*Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro*”. (ABREU, 1999, p. 25).

E esse é também o papel realizado pela crônica, já mencionado aqui no item (f): intenção de divertir, levar à fruição do texto, à catarse e à empatia. A empatia nada mais é que compartilhar as emoções de outra pessoa, no caso, as emoções no narrador-personagem da crônica, chegando o leitor à catarse – purificação e limpeza das angústias através da leitura. Quando o leitor se reconhece no texto, tem prazer em ler, se envolve com o que está sendo narrado, se diverte e se delicia com o enredo, chega à fruição.

A partir das emoções despertadas no leitor, este é persuadido pela crítica realizada implicitamente no humor – representado pelo ridículo, pelo esdrúxulo das relações sociais, como nos reafirma Ferreira (2010, p. 153), “Trata-se de uma forma de condenar um comportamento excêntrico, que não se julga bastante grave ou digno de ser reprimido por meios violentos”, e é sancionado pelo riso.

Almeida (1999) nos remete novamente a Bakhtin (1997), quando afirma que “somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo” (BAKHTIN, 1993, p. 57, *apud* ALMEIDA, 1999, p. 13), atentando para o fato de que, se o cômico for visto apenas como um desvio, uma inabilidade, será um gênero menor. Sabe-se, no entanto, que o meio cômico serve para atingir uma reflexão, pois produz uma caracterização sociocultural muito complexa que pode passar despercebida na crônica por sua linguagem sutil. Surge, então, a necessidade de explorar esse gênero nos estudos de texto nas aulas de língua portuguesa, auxiliando o aluno a construir seu conhecimento leitor, de forma a identificar tais sutilezas e analisar criticamente o material lido, reconhecendo a argumentação implícita no humor.

Retoma-se, agora, a importância dos elementos que contribuem para a interpretação do cômico, como a relatividade, a subjetividade, a contextualidade e a inferência, contribuindo para a produção de sentido. Em qualquer situação comunicativa, existe um conjunto de regras que os participantes compartilham e reconhecem para estabelecer a compreensão. Com a crônica não é diferente. Entretanto, ao se tratar do elemento causador do cômico, algumas dessas regras contextuais são quebradas. Se a quebra não é reconhecida pelo leitor, ou por desatenção ou por desconhecimento, não há riso, não se percebe o humor.

Magalhães (2010), recorrendo à teoria semântica do humor verbal de Raskin (1985), sustenta a hipótese de necessária congruência da interpretação do leitor, apropriando-se do discurso do autor e compartilhando as mesmas regras, para perceber o humor:

Tendo elaborado um trabalho com formato de teoria semântica, um parâmetro norteador para todas as instâncias enunciativas do humor, Raskin advoga que o humor é simplesmente a súbita percepção da incongruência entre conceito e objeto real, um jogo de relações de desapropriações, paradoxos e dissimilaridades. Para entender tais relações, o leitor deve comparar os elementos da situação, interpretando o significado das incongruências. Nesse processo, apenas um script se sobrepõe ao outro, fazendo emergir apenas uma interpretação. Segundo o linguista, depois disso é que os textos são interpretados com um único significado, momento no qual o leitor também percebe a intencionalidade discursiva, é capaz de captar a direcionalidade da forma enunciativa do texto, sua função e as peças que compõem o jogo humorístico. A meu ver, porém, não é sempre que apenas um significado pode emergir. (MAGALHÃES, 2010, p. 24)

Ainda segundo Magalhães (2010), a natureza do risível é construída no plano linguístico, através de uma consciência gramatical e a partir de um conhecimento anterior, de inferências, coerência e contexto. As estranhezas inesperadas reconhecidas pelo leitor nesse processo é que o faz rir. O humor requer uma percepção de elementos da leitura literária mais elaborada, como a identificação e interpretação de ambiguidades, polissemia, ironia, metáforas e outros elementos semânticos:

Em termos de regras semânticas, a habilidade de o falante combinar os significados contribui para a interpretação semântica. Entretanto, Raskin admite que, além dos itens lexicais, existem aqueles de ordem extralexical, ou seja, as propriedades semânticas evocadas por palavras que não se encontram na superfície textual, mas que constroem um quadro imagético dedutivo externo às sentenças. Muitas vezes, nessa espécie de construção sintática, o elemento deflagrador do humor pode ser captado através da percepção desse quadro relacionado à superfície sintática e ao contexto situacional. (MAGALHÃES, 2010, p. 27-28)

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Para Raskin, nos termos de Magalhães (2010), há duas premissas importantes para o efeito de humor: o texto ser compatível com duas proposições que se opõem e que sejam percebidas como opostas em determinado contexto; é a partir desse ponto que o humor é construído sob três aspectos: dicotomia real/irreal; oposição de discursos; e categorias da existência humana: atual/não atual e absurdo/possível. O humor encerraria, portanto, uma relação de proposições diversas, em que o sentido é produzido nas fendas, nas interfaces dessas oposições. Nesse ponto, apresenta-se a noção de “gatilho semântico” – elemento linguístico deflagrador do riso, integrante de qualquer piada que apresente dois aspectos semânticos distintos:

ambiguidade ou contradição e podendo ser entendido como o elemento capaz de introduzir o segundo discurso à sombra do primeiro. Seu papel é estabelecer a relação entre os dois impondo uma interpretação diferente da do primeiro e que provoque o riso espontâneo. Portanto, o desafio do humor é construir um texto evocando outro, texto que apresentará uma oposição em suas proposições, deflagradas pelo jogo de significados por via de elementos semânticos. (MAGALHÃES, 2010, p. 29)

Por todo o exposto, torna-se essencial o trabalho com textos humorísticos na escola, como tirinhas, quadrinhos, piadas, chistes, entre outros, e principalmente, no que concerne a este trabalho, a crônica, para a análise dos fenômenos linguísticos, discursivos e pragmáticos, levando a um processo de ensino-aprendizagem significativo. Corrobora-se as posições assumidas por Magalhães (2010), na medida em que justifica o ensino através do humor como formação de um leitor crítico, capaz de detectar a presença de diversas formações discursivas na teia socioideológica do texto, promovendo uma releitura de aspectos sócio-históricos e ideológicos formadores de opinião, a partir de um material atraente, motivador, que aguça a curiosidade, que gera descontração, diverte e desenvolve o conhecimento da língua, viabiliza uma reavaliação da cultura e do pensamento humanos. Além disso, a possibilidade de despertar a descoberta de novos artistas, novos talentos.

Finalmente, apresentamos, em caráter de reflexão a respeito da língua literária e o ensino, as palavras de Possenti (2013), confirmando nosso posicionamento:

o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória – mas não necessariamente a uma cultura específica. E que o que faz um texto “falhar” é fundamentalmente a ausência dessa memória ou desse saber (exceto quando o que falha é um jogo ou uma associação verbal). Mas essa não é uma característica exclusiva do humor. Fato análogo pode fazer falhar um poema, um romance, um filme, ou,

pelo menos, uma passagem de obras como essas. Os textos podem fazer apelo a memórias diferentes, de “prazo” diferente (seja em seu aspecto psicológico, seja em seu aspecto histórico, que, creio, podem ser associados de alguma forma). A falta de informação cultural é, portanto, apenas uma das manifestações de uma exigência que todos os textos fazem aos coenunciadores. (POSSENTI, 2013, p. 81).

#### **4. Análise do corpus**

A crônica escolhida para análise foi escrita pelo ilustre Luis Fernando Verissimo – “50 tons de roxo” (**Anexo 1**) – e se presta a fomentar a empatia no leitor. Publicada recentemente no *Estadão*, em 29/03/2015, contém uma postura irônica e crítico-argumentativa.

No primeiro contato com o título da crônica, o leitor percebe sua intertextualidade com o romance erótico, recorde de vendas, *50 tons de cinza*, o primeiro de uma trilogia amplamente divulgada nos últimos anos e adaptada recentemente ao cinema. A estreia do filme nas salas de cinema do mundo todo bateu recordes de bilheteria e repercutiu em todos os domínios de divulgação de informação atuais: jornais, revistas, *blogs*, *sites*, programas de TV e propaganda boca a boca. Verissimo é muito criativo e direto na aproximação do título de sua crônica com o título do livro/filme. Com a divulgação e as notícias sobre esse assunto no mês de publicação da crônica, seria impossível o leitor não perceber a intertextualidade, mesmo não tendo lido os livros ou visto o filme.

A crônica em questão é toda desenvolvida em diálogo direto, sem intervenção de narrador, como ocorre em filmes. Vamos conhecendo os personagens, o espaço e o tempo da narrativa, a partir dos diálogos do texto no desenvolvimento do enredo. A linguagem é a mais próxima do real, informal, num tom de reserva, própria de um primeiro encontro amoroso. O cenário, o apartamento do rapaz, onde a moça está pela primeira vez, é construído a partir de pistas linguísticas deixadas pelo texto como “Entre, entre. Me dê seu casaco”, “Lindo, o seu apartamento”.

A partir dessa apresentação dos personagens e do cenário, o leitor que já percebeu a intertextualidade do título, é levado a associar o texto do cronista com a cena mais divulgada nos *trailers* do filme, disponível em [www.adorocinema.com/filme-205450/trailers](http://www.adorocinema.com/filme-205450/trailers) ou no Youtube: a personagem principal é uma moça inocente, recém-formada e, no primeiro dia de trabalho, entrevista um jovem milionário. Os dois começam a se interessar um pelo outro, no desenrolar do enredo, até que ele a leva para

seu luxuoso apartamento e lhe mostra um quarto todo preparado com objetos para a prática sadomasoquista.

Verissimo reproduz ironicamente a cena e brinca com todos os detalhes possíveis, provocando o humor pela associação semiótico-discursiva das cenas – filme e crônica. Podemos explicar a formação causativa do humor pela teoria da incongruência de Raskin, apresentada a nós por Magalhães (2010), na qual toda espécie de humor é vista como algo linguístico ou visual que, a partir de estranhezas inesperadas, geram o riso ao serem reconhecidas. A natureza do risível, na interpretação da autora, é construída no plano linguístico, através de uma consciência gramatical e do conhecimento anterior, de inferências, coerência e contexto. Sob esse prisma, uma sentença pode ser gramatical, desde que tenha sentido para o falante. Portanto, ao reconhecer a intertextualidade da crônica com o filme, o leitor estabelece as associações do linguístico com o semiótico, gerando o riso. Magalhães (2010) ainda nos coloca que o ridículo estaria atrelado à intenção, e o jogo de palavras, às técnicas, ou seja, o ridículo estaria associado ao modo como se constrói o humor verbal, a partir do uso de figuras de linguagem e da retórica. Sob esse prisma, a pesquisadora nos diz que Raskin acredita que toda sentença é percebida em algum contexto, porém, caso o contexto não seja explicitado pelo discurso adjacente ou pela situação extralinguística, o leitor usará seus conhecimentos prévios. Logo, o que ocorre nesse processo é a relação entre contextos discursivos diversos, em que o leitor estabelece o julgamento daquilo que é engraçado. Em apenas um momento, no fim da crônica, Verissimo explicita algum detalhe do filme e o cita literalmente: o momento em que o personagem é questionado a respeito de como escolheu a moça para fazer suas pesquisas sexuais: “Digo, ‘venha comigo e terá experiências muito mais excitantes do que as do livro, e do que as do filme, então, nem se fala. E será ao vivo!” A primeira que aceitar, vem. Desta vez, foi você”. O humor só é possível porque o leitor relaciona o texto a conhecimentos prévios que possui fora dele, sobre o livro ou o filme.

Temos uma incongruência quando associamos igualmente as cenas do filme e da crônica: a conquista, seguida da visita ao apartamento e culminando na apresentação do quarto com elementos para a prática sexual sadomasoquista. O elemento surpresa aparece na crônica, desconstruindo o enquadre semiótico inicial. A mesma cena, entretanto, no texto do cronista, aparece reformulada em situações irônicas, tais como quando a personagem elogia o apartamento e recebe a resposta inesperada, sem

falsa modéstia, a qual dialoga com a postura do personagem do filme: “– Eu sei. Além de ser rico e bonito, eu tenho muito bom gosto”; ou, quando perguntado sobre o moço pendurado na parede, o personagem responde com a metonímia da obra pelo autor, e somos levados a pensar que se trata de um quadro de algum pintor sobrinho de Picasso. Ao continuar o diálogo, porém, essa imagem é desfeita a partir de elementos linguísticos de sentido literal “De hora em hora, ele desce daí para descansar, fazer xixi ou se alimentar. Depois volta para a parede”.

Veríssimo continua nos apresentando elementos surpresa causadores do humor pela incongruência. Quando o personagem da crônica em questão diz que tem um fornecedor de objetos sexuais e, por isso, compra tantas novidades, algumas ainda nem experimentadas, dialoga novamente com o filme. Logo, no entanto, desfaz esse sentido único, trazendo ao leitor o humor pelo ridículo: “Este tubo de borracha com a ponta serrilhada, por exemplo. Por enquanto, eu uso para coçar o pé”.

Retornando ao título, a relação com este aparece no enquadre de uma experiência, palavra que demonstra seriedade científica, pesquisa, sendo desconstruída comicamente com a descrição do que é pesquisado: “estou no meio de uma pesquisa sobre os efeitos do chicote na pele feminina. Cada pele fica um tom de roxo diferente. Não existem dois hematomas iguais”.

A personagem masculina da crônica vai envolvendo a mulher com seus objetos e seu discurso: “Vamos começar com o quê? Faça a sua escolha. / – Hmmm... Eu ouvi você falar em arreios?”. Nessa passagem, no final do texto, a ironia chega ao auge ao vermos que objeto é escolhido para a experiência sexual sadomasoquista, uma vez que *arreios* são utilizados em quadrúpedes domesticados pelo homem, ou seja, a mulher é colocada como um animal que vai satisfazer os desejos do homem. O fato de a moça aceitar feliz esse papel, demonstra a opinião do autor sobre o lugar da figura feminina explicitada no livro e no filme. A crítica fica evidente na ironia da cena, na medida em que a mulher é colocada no papel submisso de animal irracional.

## 5. *Considerações finais*

Em busca de respostas para algumas dúvidas que a prática de sala de aula fomenta no professor atento aos problemas de aprendizagem dos alunos, no que concerne ao ensino da língua materna, esta pesquisa preo-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

cupou-se em aprofundar os conhecimentos frente à leitura, à formação do aluno/leitor e, conseqüentemente, ao letramento literário, pois percebe-se nesses temas os entraves do desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos. Outra preocupação é a respeito do comportamento do estudante nos anos finais da educação básica, com certa apatia e desinteresse pelo conhecimento. Elegeu-se, por conseguinte, a pesquisa no campo da leitura literária e do letramento a partir do trabalho em sala de aula com o gênero crônica, especificamente aquelas que apresentavam humor, no intuito de buscar um caminho para atingir, especificamente, os dois propósitos – auxiliar os alunos no desenvolvimento mencionado e apresentar uma estratégia de ensino possível de despertar e manter seu interesse nas atividades realizadas e nos conteúdos trabalhados.

A leitura necessita ser uma atividade constante na vida e na escola, que eleva o seu nível com a leitura literária. É um processo de interlocução entre leitor e autor, com a mediação das palavras do texto. Assim, a língua literária deve ter presença frequente no ensino, com o intuito de transformar o posicionamento do aluno frente à sociedade, já que o domínio da língua em todas as esferas sociais em que ela ocorre constitui o passaporte para o aluno exercer sua cidadania plenamente, ser agente na sociedade em que vive.

Voltando-se o olhar especificamente para o tema do humor percebe-se que, mais que um simples atrativo, os textos humorísticos exigem um leitor bem proficiente, capaz de entender as artimanhas empregadas para se valer do riso, como metáforas, polissemia, jogos de palavras, ironia, e diversos outros elementos semântico-discursivos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 1999.

ALMEIDA, Fernando Afonso de. *Linguagem e humor: comicidade em Les Frustés*, de Claire Bretécher. Rio de Janeiro: Eduff, 1999.

ÂNGELO, Ivan. *Sobre a crônica*. Revista *Veja São Paulo*, 25/04/2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASTOS, Danielle Ferreira Martins. *O discurso humorístico no gênero crônica e suas implicações no ensino de língua portuguesa*. 2015. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). – UERJ, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. A metáfora e o dialogismo em Luis Fernando Veríssimo. *Revista Linha Mestra*, Associação de Leitura do Brasil, n. 24, jan./jul.2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *PCN+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Área de linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2007.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. área de linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000.

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMARA, Tania Maria N. de Lima. Leitura na escola básica: preocupações pedagógicas. In: SIMÕES, Darcilia. (Org.). *Língua portuguesa e ensino: reflexões e propostas sobre a prática pedagógica*. São Paulo: Fac-tash, 2012, p. 213-229.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*, vol. 5. São Paulo: Ática, 2007, p. 89-99.

COSERIU, Eugênio. Do sentido do ensino da língua literária. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 29-47, 2002.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRA, Luiz Antonio. A lógica do verossímil. In: FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAGALHÃES, Helena Maria Gramiscelli. *Aprendendo com humor*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Aprendendo com humor: o gênero humor e o subgênero humor negro*. *Anais do CELSUL*, 2008.

MORAES, Vinícius de. *Para viver um grande amor*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2001.

VERISSIMO, Luis Fernando. 50 tons de roxo. *Estadão*: Cultura. São Paulo, 29/03/2015. Disponível em:

<<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,50-tons-de-roxo-imp-1660021>>.

---

## **ANEXO**

### **50 tons de roxo**

- Entre, entre. Me dê o seu casaco.
- Obrigada.
- Se quiser tirar mais alguma coisa...
- Não, estou bem assim.
- Talvez mais tarde.
- Talvez. Lindo, o seu apartamento...
- Eu sei. Além de ser rico e bonito, eu tenho muito bom gosto.
- Esse moço pendurado na parede...
- É um sobrinho do Picasso. Comprei em Paris. De hora em hora, ele desce daí para descansar, fazer xixi ou se alimentar. Depois volta para a parede.
- Que luxo.
- Você ainda não viu nada. Vamos passar para a outra sala. A que eu chamo de meu laboratório lúbrico. É onde faço minhas experiências.
- Meu Deus, quantos objetos sexuais!
- Tenho um fornecedor que me manda todas as novidades. Algumas eu ainda nem descobri para o que servem. Este tubo de borracha com a ponta serilhada, por exemplo. Por enquanto, eu uso para coçar o pé.
- Posso me sentar nesta cadeira?
- Pode.
- Só cuidado porque...
- Ui!

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

– Eu ia lhe avisar. Ela é uma Cadeira de Afrodite. Quando menos se espere, sobe um pênis rotativo.

– Eu senti. Você diz que é aqui que faz experiências?

– Sim. Por exemplo: estou no meio de uma pesquisa sobre os efeitos do chicote na pele feminina. Cada pele fica um tom de roxo diferente. Não existem dois hematomas iguais.

– Que coleção de instrumentos!

– Sim, há de tudo. Bolotas japonesas. Garrote francês. Arreios.

– Estas algemas... Eu gostaria de experimentar.

– Fique à vontade. Mas é melhor tirar a roupa primeiro.

– Certo. Posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro.

– De todas aquelas mulheres na fila para ver o filme, por que você me escolheu?

– Na verdade, faço a proposta para várias. Digo, "venha comigo e terá experiências muito mais excitantes do que as do livro, e do que as do filme, então, nem se fala. E será ao vivo! A primeira que aceitar, vem. Desta vez, foi você.

– Será que eu vou me arrepender?

– Até agora nenhuma se queixou. Vamos começar com o quê? Faça a sua escolha.

– Hmm... Eu ouvi você falar em arreios?

(VERISSIMO, 2015)